

ESPAÇO JORNALISTA MARTINS DE VASCONCELOS

Organização: CLAUDEAR CANJO

APONTAMENTOS SOBRE MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

(PARTE II)

VERA LÚCIA DE OLIVEIRA

Escritora, membro da Academia de Letras do Brasil - (Brasília-DF)
veraluciaoliveira@hotmail.com

Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, é uma obra espantosamente moderna. De alguma maneira, o tempo não a pegou. Se envelheceu, foi como Virgília: tornou-se uma "imponente ruína", como disse Brás Cubas, ao vê-la entrar no quarto, já no leito de morte, acompanhada do filho Nhonhô. Foi sua última visita. Tinha 54 anos. É a pessoa dela que faz a ponte entre o tempo do delírio e o passado dele, pois foi a sua presença que puxou o fio de seda da memória, fazendo-o lembrar-se da juventude, época de seus amores, e da infância, época de peraltices. Assim também o romance nos faz pensar nas primeiras obras da "infância" e juventude de Machado, por referências implícitas e explícitas, assim como nas de maturidade iniciadas por essas *Memórias*, como *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899), *Esau e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908), todas intituladas com nomes próprios masculinos, metafóricos ou não.

Do "menino diabo" que quebrava a cabeça das escravas, passando pelo adolescente com a paixão avassaladora por Marcela, que o amou "por quinze meses e onze contos de réis", até a maturidade, a vida passou-lhe pelos

olhos. Uma vida de grande vadio, um "pavão", como se denominou. Um verdadeiro representante da classe ociosa de que fala Thorsten Veblen: aquele que colheu onde não plantou. Viveu de renda e disso se orgulhou dizendo ao morrer que lhe coube a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do seu rosto. Temos aqui a pena da galhofa. Logo, o livro é também sobre injustiça, escravidão, abuso, como no caso do moleque Prudêncio, que se vingava das chicotadas que recebia de Brás Cubas na infância, passando-as ao seu escravo, agora que era homem liberto. Temos ainda o cunhado Cotrim, marido da irmã, Sabina, bom sujeito, com o pequeno defeito de ser traficante de escravos, que mandava ao calabouço (só os fujões, é preciso dizer).

Memórias Póstumas é um livro sobre a morte: são treze. A começar pela do narrador que, curiosamente, ganha espaço de fala quando já não tem voz. Sem contar a da borboleta preta que ele, Brás Cubas, matou com um pedaço de linho cru e que será metáfora para as pessoas das quais se livrou, a exemplo de Nhã-Loló, com quem pensou até em se casar, mas desistiu porque o preconceito falou mais alto: ela não era do seu meio social. Livrou-se também de Eugênia, a "Vênus manca", pois, ainda que bonita, teve a mesma sorte da borboleta preta, já que tinha origem obscura: era fruto dos amores escusos da mãe, dona Eusébia, com o Vilaça, homem casado; assim nasceu essa "flor da moita", feita de amor e desprezo.

Desde que fora jogado pelo pai no navio, Brás Cubas viveu oito ou nove anos na Europa, onde estudou e viajou. Bacharelou-se em Coimbra, mas pouco aprendeu, pois fora estudante medíocre, dado somente às aventuras amorosas. Disse, mais uma vez com a pena da galhofa, que da universidade guardou apenas meia dúzia de frases em latim para as despesas da



conversação social. Tinha tanta cultura quanto o frívolo cabelereiro que conheceu em Modena. Considerando a sua declaração de que a franqueza é a maior virtude de um defunto, e concordando com o crítico Alfredo Bosi em *Brás Cubas em três versões* (2006), devemos acreditar na franqueza e transparência do que Brás nos conta. Diz Bosi:

(...) o narrador póstumo não se engana nem propõe-se a enganar-nos. *Ao contrário do embusteiro, ele deixa-se ser.* A transparência, flagrada no relance do olhar honesto do outro, não converterá o nosso Brás; mas revela a natureza do seu caráter, que é frívolo na descontinuidade dos seus pensamentos, é constante até a morte na prática do egoísmo indefectível, mas é capaz de abrir frestas de luz no subsolo da sua consciência – a luz crua do moralismo pessimista ou apenas cético, limite ideológico do defunto autor. (Págs. 14 e 15).

E um exemplo da transparência do que nos conta Brás, cuja falta de compaixão choca o leitor,

é quando se refere à Eugênia como "a aleijadilha" que, ao contrário dele, nunca descalçou as botas e seguiu pela estrada da vida, manquejando da perna e do amor, triste como os enterros pobres, solitária, calada, laboriosa, até que vieste também para esta outra margem... O que eu não sei é se a tua existência era muito necessária ao século. (...) (Ed. Ática, pág. 56).

Nesse episódio em que descalça as botas apertadas, ele sentiu um grande alívio, porque depois da dor veio o prazer. (O mesmo prazer, com todo o respeito, que Sócrates sentiu quando lhe tiraram as correntes, pouco antes de morrer.) A vida para Brás era comandada por Eros e, citando Epicuro, considera o prazer o bem supremo, e válidos todos os meios para obtê-lo. Ainda que seja a "felicidade barata" de livrar-se das botas apertadas...

Voltemos à Virgília. Brás reencontra Virgília e amos se apaixonam. Ele observou que ao se conhecerem, dez anos antes, não estavam verdes para o amor, e sim, verdes para o amor

deles. É uma fina observação psicológica do nosso defunto-autor. Agora, ela, aos vinte e cinco anos, casada, mãe de um filho, torna-se sua amante. Ele deseja ter um filho com ela, que engravida mas perde o bebê. Mais um traço da vida estéril de Brás, que investira narcisicamente na ideia de ser pai de um bacharel e deputado que brilharia na Câmara, repetindo a projeção do seu pai, Bento, sobre ele. Brás Cubas, Virgília e Lobo Neves vivem um triângulo amoroso, pois o marido tinha conhecimento dos amores dos dois e, inclusive, recebeu uma carta anônima denunciando-os e praticamente os flagrou na casinha da Gamboa, refúgio dos amantes. A carta, no entanto, apimentou a paixão deles, pois, como disse Brás, as aventuras são a parte vertiginosa da vida. Mas, Lobo Neves, a quem Brás chamou de "água", e que não era nenhum Otelo, preferiu ignorar, já que tinha interesse em continuar o casamento para alicerçar a carreira e a ambição política. Queria ser ministro. E Virgília, recorrendo aqui novamente a Veblen, era o seu troféu de caçador. Era preciso, portanto, manter a aparência de um casamento feliz, com a bela mulher ao lado. Mas a questão da triangulação amorosa é mais complexa. Para Freud, esse tipo de relação tem raízes nos conflitos não resolvidos do complexo de Édipo, uma vez que trata de alguém excluído – como se sente a criança em relação aos pais –, o que pode talvez se aplicar a Lobo Neves. Quanto a Brás Cubas, ao escolher apaixonar-se por uma mulher casada, pode indicar um desejo de não-compromisso, de não ter um vínculo mais profundo por se tratar de alguém inacessível. O certo é que nada é o que parece à primeira vista.

Enfim, fazendo um balanço do que fora a sua vida, Brás Cubas vê um pequeno saldo. Chamou o capítulo final de "Das negativas", reportando o que não foi, a cujo negativismo acrescentamos o negacionismo, pois, ainda que inventou de um "medicamento", o *Emplastro Brás Cubas*, um anti-hipocondríaco destinado a aliviar a melancolia da humanidade, ele negligenciou a pneumonia que o acometeu, tratou-a com descaso e foi para a outra margem. E o pequeno saldo foi este: "Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria."

Fechou sua história com a tinta da melancolia.

defato.com

DIREÇÃO GERAL: César Santos
DIRETOR DE REDAÇÃO: César Santos
GERENTE ADMINISTRATIVA: Ângela Karina
DEP. DE ASSINATURAS: Alvanir Carlos

Um produto da Santos Editora de Jornais Ltda. Fundado em 28 de agosto de 2000, por César Santos e Carlos Santos.

www.defato.com E-MAIL: redacao@defato.com TWITTER: @jornaldefato_rn | REDAÇÃO E OFICINAS: SEDE: Avenida Rio Branco, 2203, Centro, Mossoró-RN – CEP: 59.063-160
TELEFONES: (084) 99836-5320 (Mossoró) | COMERCIAL/ASSINATURAS: (84) 99956-4810 - (84) 99485-3685

